

Empresários temem crise social

PÁULO ANDREOLI

"O governo deve ficar muito atento para o que está escrito nas paredes" — adverte o industrial Einar Alberto Kok, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e vice-presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. O industrial sabe perfeitamente que o Brasil está muito longe de ser Babilônia, mas nem por isso, ao recordar-se de passagens bíblicas, deixa de ver alguma semelhança. (Na Babilônia, durante um grande festim de Baltazar, Jeová escreveu na parede, para que todos observassem: "Visto, julgado e condenado".) Para Einar Kok, o "festim" econômico e as perspectivas de uma séria crise social podem ser perfeitamente enquadrados na mensagem, que "caí muito bem à nossa realidade".

Mais até do que a simples citação da queda de faturamento de encomendas, as perspectivas de desemprego maciço, neste mês de agosto e até o final do ano. Ocuparam parte da reunião de diretoria da Abimaq, na última sexta-feira. Para a maioria dos empresários, o problema social parece passar desapercebido do governo. Há quem afirme que a crise de hoje "é pior do que a que antecedeu a Revolução de 1964: naquela, uma crise política grave, pelo menos havia emprego e trabalho; nesta crise, nem mesmo isso".

Einar Kok classifica em vários estágios o "temor" dos empresários pelo que denominam crise social. O primeiro deles — "que já estamos vivendo" — consiste no desemprego associado à inadimplência das compras a prazo. A Abimaq, explica, andou coletando informações junto ao Serviço de Proteção ao Crédito e às empresas do comércio e verificou que as consultas ao SPC caíram 40% e o crédito utilizado nos gran-

des magazines paulistas é, hoje, 50% inferior. A inadimplência não foi pesquisada, "mas seguramente o nível é elevado".

O problema maior — afirma Kok — vem com o desempregado que não se colocou num prazo relativamente curto e que já consumiu (o que é fácil com inflação elevada) os seus parcos recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e das economias acumuladas. A fase posterior implica a busca de dinheiro "de qualquer maneira", na mão de agiotas, a criminalidade, o desespero. Associado a tudo isso, ele prevê situações mais sérias do que a que se observou com a Mercedes-Benz do Brasil, que dispunha de recursos para pagar seus funcionários e conceder licenças remuneradas, ou como a Volkswagen, que convida seus funcionários a deixarem as empresas.

"E quando pequenas e médias empresas não tiverem recursos nem mesmo para cobrir o aviso prévio?" — pergunta o industrial, lembrando que "não se pode desprezar o desespero de um pai de família que quer alimentar seus filhos".

"PIOR QUE 64"

A crise por que passa hoje o Brasil "é, seguramente, pior do que a de 1963/64", na opinião do industrial Jorge de Oliveira Palva Filho, diretor do Departamento Nacional de Equipamentos para Saneamento Ambiental da Abimaq. Em sua opinião, a crise que precedeu a Revolução de 64 "foi política, de falta de liderança; mas todos estavam empregados, as indústrias produziam e o comércio vendia alguma coisa". "Hoje, explica, a situação é bem mais séria: o desemprego pode gerar conflitos sociais que, por sua vez, podem gerar uma séria crise política."

Hiroyuki Sato, diretor-secretário do Departamento Nacional de Máqui-

nas e Acessórios Têxteis, acredita que, hoje, ao contrário do período anterior a 64, as concentrações urbanas e a liberdade que o processo de abertura está reinaugurando na sociedade civil poderão gerar sérios conflitos sociais com o crescente desemprego. Sato teme pela abertura política, "que poderá não ser implementada tão tranquilamente quanto pretende a sociedade e o governo".

O industrial reconhece, entretanto, que antes de se preocupar com os legítimos interesses da sociedade pela democracia e eleições livres, deve-se estar atento ao curto prazo: "Corre-se o risco de perturbações sociais antes mesmo das eleições, por causa de um número elevado de brasileiros premidos pelo desemprego". Hiroyuki Sato, todavia, diz não perder a esperança e o otimismo no Brasil, "um País que já superou outras crises". E Einar Kok o corrige: Esperança, todos devem ter, mas o que não se pode é ser otimista como tem solicitado o presidente Figueiredo. "Não se pode deixar de ser otimista, desde que esse otimismo exija o insensato. Pode-se ser otimista, mas não se pode perder o bom senso, esconder os fatos."

O industrial Egon Gatz, do Departamento Nacional de Máquinas para Plásticos, critica os eufemismos com que se tenta descharacterizar as perspectivas de crise social. Segundo afirma, de nada adianta afirmar que a situação é preocupante e grave, pois "isso não diz nada". Para ele nenhum empresário, hoje está desprezando a tendência de se registrarem no Brasil sérios problemas de ordem social.

É consenso, entre esses empresários, que algo precisa ser feito, com urgência, para ao menos aliviar os crescentes níveis de desemprego. Afinal, para eles, o que está aí já foi "visto, julgado e condenado".